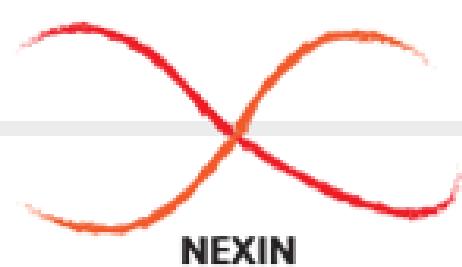


Expressões

da

Pandemia

Vol. 2



Realização Científica:

O Boletim "Expressões da Pandemia" é uma realização do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC-SP/CNPq), liderado pela Profa. Dra. Bader B. Sawaia, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM/CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Renan Albuquerque.

Organizadores:

Bader B. Sawaia
Renan Albuquerque
Flávia R. Busarello
Juliana Berezoschi

Editoração e Identidade Gráfica:

Juliana Berezoschi

Revisão Técnica:

Renan Albuquerque

Os escritos são compilados por pessoas participantes, parceiras e apoiadoras do Nexin e do Nepam. A publicação será semanal durante a pandemia da covid-19.

Dados do Nexin:

O Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem como líder a Profa. Dra. Bader B. Sawaia e atualmente está composto por discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como pesquisadores associados. O NEXIN é um espaço de reflexão e investigação psicossocial permanente, onde são desenvolvidos estudos sobre desigualdade social, com ênfase na servidão humana e na potência de ação emancipadora em diferentes contextos sociais e históricos brasileiros.

www4.pucsp.br/nexin/, facebook.com/nucleonexin, instagram@nucleonexin

Dados do Nepam:

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como líder o Prof. Dr. Renan Albuquerque e atualmente está composto por discentes de graduação, mestrado e doutorado, além de pesquisadores associados. O NEPAM estuda as dinâmicas e interações dos povos amazônicos em seus diferentes modos de vida no bioma.

www.facebook.com/nepam

APRESENTAÇÃO

E o drama continua.

Mais uma semana de protagonismo do coronavírus em um papel disputado por políticos. Mas quem sofre são seus dublês (ou coadjuvantes), os que fazem o trabalho pesado: o pessoal da saúde, da assistência social, da limpeza, do delivery e os voluntários que estão na linha de frente.

Mais uma semana de batalha eleitoreira sobre o dilema entre relaxar ou não a quarentena para a economia acontecer. Na verdade, um falso dilema. Se relaxar o isolamento, grande parte da população do país adoece, o que será um obstáculo tão grande quanto o isolamento à recuperação da economia. A verdadeira disputa está na necropolítica, sobre quem deve viver e quem deve morrer.

Caiu o Ministro da Saúde.

Mais uma semana que desvela com crueza o conluio do vírus com a desigualdade. Ele acelerou um trajeto já esperado. Do bairro nobre de Pinheiros, onde começaram os primeiros casos, ele desloca sua fúria mortífera à periferia. Brasilândia lidera o ranking das mortes, embora os bairros centrais continuem apresentando maior número de contaminação.

Entretanto, também, mais uma semana que evidencia sua parceria com a natureza, promovendo a diminuição da poluição do ar, das águas e do verde. E com o bem viver a criatividade aflora para criar encontros virtuais, com calor e carinho. Atos de gentileza e gratidão e de ajuda se espalham, mitigando o sofrimento.

O tempo é outro elemento importante nessa dramaturgia pandêmica. Não o vivenciamos mais, pois não o marcamos mais. O caráter da imaginação do tempo, já afirmado por Espinosa, fica mais palpável do que nunca, pois o domingo

pode ser a segunda em tempos de pandemia. A cada dia que passa, fica mais difícil manter a potência de vida no isolamento: o medo do futuro cresce mais do que o seu inseparável parceiro, a esperança de que tudo vai ficar bem. Os afetos vagam erráticos. Aumenta o número de violência familiar para uns e, para outros, fortalece-se o convívio familiar.

E o medo se multiplica em sentidos: medo da fome, medo do contágio, medo de violências. Dois afetos começam a aumentar de intensidade, a saudade e a solidão, que enlaçadas ao medo, em seus diversos sentidos, formam uma constelação de afetos tristes cada vez mais presentes. Corremos o risco de nos acostumarmos com a caverna, com a vida atrás das telas?.

Mas, como alerta Spinoza, o nosso desejo de potência de vida nunca é destruído, e ele equivale ao desejo de estar junto, pois nossa potência é relacional. O remédio para tirar a potência do padecimento é combater os maus encontros e, enquanto não conseguimos, continuemos a unir nossos conatus de forma criativa.

É com esse propósito que divulgamos mais um número do Boletim "Expressões da Pandemia", convidando a todos a partilharem dele e agradecendo aos que escreveram, como fez Josias Sateré (membro do clã Sateré/ut), que honra o Boletim com sua reflexão sobre o combate ao vírus durante o abril indígena.

Bader B. Sawaiá
Profa. Titular da PUC-SP. Docente Permanente
do Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia Social. Líder do NEXIN.

Voltando à carne

“Botei na Balança, você não pesou”. Parece que o corona vírus nos canta e nos pergunta: para que rimar amor e dor? E o título da música de Caetano Veloso, não menos indispensável para este texto: mora na filosofia, ao que acrescentaria na filosofia-moderna-colonial. E porque digo isso? Voltemos a interrogar os caminhos que podemos imaginar com essa canção: porque não pesamos na balança? E então nos interrogarmos que peso é esse?

Ao que me parece, no campo deste texto, que nada mais é do que um compartilhamento de ideias, andamos nos esforçando demais para não pesar na balança desde a modernidade, logo desde o colonialismo. Queremos menos peso e mais leveza mental. Essas são as palavras de ordem nascentes e efervescentes, pouco antes da radical chegada do novo coronavírus a interrogar-nos sobre o peso. Respiremos! Na casadinha da felicidade “menos peso, mais leveza mental”, praticamos, como bons servos, os desígnios da modernidade: a vida livre do sentir, a vida controlada pela mente, a mente existindo sem corpo, sem peso... afinal, não são poucas as conclusões e fórmulas de felicidade que levam a máxima de que nosso corpo é apenas uma máquina, uma roupa, que nos serve como uma casa, quase dispensável à primazia da nossa racionalidade, por onde imaginamos operar a vida.

Os indígenas tentaram nos avisar, os africanos tentaram nos avisar, Espinosa tentou nos avisar, e nós? Movidos pelas ideias da ciência-moderna-colonial acreditamos neste delírio: na leveza da vida que a mente pode nos proporcionar, se livrando do peso do corpo. Usamos os nossos esforços para alcançar esse desen-carne, a operação e movimentação de uma vida desen-carnada, separada desta carne a qual relegamos o lugar de mero instrumento da nossa mente. Mas, como diz Caetano Veloso, “a vida é real e de viés e vê só que cilada o amor (a modernidade) me armou”.

Abusando do uso da produção poética do cantor, lembramos ainda o “não te queres como és”: corpo e mente. O SARS-coV-2 veio com menos paciência do que tantos outros que tentaram nos dar essa notícia inaudível, afinal, para que serve mesmo esse corpúsculo ouvido? Nos impõe a ruína do nosso ideário moderno, nos estampa o erro do cálculo, nos põe a pagar a conta, literalmente, desse desencarne moderno-colonial, desse delírio de que a natureza não passa de mero recurso natural, a nosso dispor, ao nosso serviço, como gostava e ainda gostam de fazer os senhores de engenho diante de um corpo que denominaram como mero recurso das suas ambições.

O coronavírus nos lembra: é preciso respirar, não há força de pensamento que lhes tire a radicalidade de serem, assim, como tudo nesta vida, coisa encarnada, coisa corporal, massa, pelo, pulmão, movimento corporal de respiração. O repouso corporal, de uma mente que imagina trabalhar sozinha, de uma mente que imagina que a transformação vem sem corpo, apenas por ideias, não nos serve no mundo pandêmico. Aliás, a primeira nota para sobrevivência é dar mais atenção ao cuidado do corpo, a lavar as mãos, comer mais alho, gengibre, gastar mais tempo fortalecendo este que somos. Caso negligenciemos essa tarefa, sucumbimos asfixiados por um corpo que não consegue mais produzir movimentos.

No entanto, se numa primeira ideia pensamos novamente “droga de corpo”, que serve apenas para adoecer, tentando assim garantir, a todo custo, que a ciência-moderna-colonial estaria correta, um pouco mais de esforço diante de um afeto de frustração, volta os nossos olhos não a despotência, mas a potência que é termos um corpo, estarmos encarnados. Mais interessante do que olharmos apenas para os ensinamentos da asfixia, sem negligenciá-la, inclusive incluindo a notícia que somos parte da natureza e não “a grande consciência que controla o mundo”, brinca de Deus. Nosso corpo encarnadíssimo, ao padecer diante do encontro com o corpo corona-vírus, cria e recria novas composições, que nos ditames da medicina moderna, chamamos, que pena, de anti-corpo. Neste nome, perdemos de vista a potência criadora de nosso corpo que, após encontrar um corpo que o faz padecer, relaciona-se, modifica-se, transforma-se, e em sua nova composição, já pode encontrar pela segunda vez, sem padecer, este vírus, “sem grilos de mim”.

No que pode um texto curto como este, deixo o desejo de aceitarmos este convite de encarnação que o coronavírus parece nos fazer, a fim de podermos, no mundo pós-pandêmico, não continuarmos a nos expor a um modo de se relacionar, de encontrar outros corpos produtores de depressão em nós, de um pânico de encontrar-se com o mundo, que nos produz uma síndrome, uma experiência de morte em vida. Que possamos criar um mundo no qual, ao nos vermos como um corpo que compõe a existência, abandonemos a ideia de sermos "a mente da existência", deixando um tanto de lado esse narcisismo moderno-colonial. Que possamos, encarnados, ouvir mais Gilberto Gil, que nos canta como lembrete que "a raça humana é uma semana do trabalho de Deus", ao que, em tempos pandêmicos, acrescentaria: é APENAS uma semana.

Aline Matheus Veloso
Psicóloga, doutoranda em Psicologia Social com formação
em coordenação de grupos operativos pelo núcleo de
Psicologia Social da Bahia.

São Paulo, 15 de abril de 2020

Poeira de estrelas

O vivente saiu em busca
De interpretar a linguagem secreta
Dos outros seres: plantas, animais e minerais
Às vezes, ouvia apenas um sussurro poético:
Vivente, quem és tu?
E permanecia ali contemplando o mistério
Com des vaidade e modéstia.

Depois de um breve tempo,
O vivente voltou a caminhar
Mas o mantra encantatório o seguia:
Vivente, quem és tu?
Vivente, quem és tu?
Vivente, quem...?

Em vão procurava escapar da tormenta
Em vão recorria ao suposto saber:
“Caniço pensante”; “zoon politikon”; “homo demens”
Em vão! Porque a questão primal reaparecia
Por detrás dos sintagmas: Vivente, quem sois vós?

Foi necessário um longo intervalo de tempo
Para o vivente perceber a inflexão do pronome
E descobrir a mudança de pessoa
Da segunda do singular para a segunda do plural:
Vivente, quem sois vós?

E de repente, num átimo de segundo, a sinfônica se fez
E, sincronicamente, mil vozes ecoaram, diáfanas:
Vós sois poeira de estrelas!

José Carlos de Oliveira
Graduado em Comunicação das Artes do Corpo, mestre
em ciências sociais e doutorando em Psicologia Social.

São Paulo, primeiro semestre de 2019

O medo do invisível: memórias da pandemia de SARS-coV-2 (parte I)

O século XXI realmente marcou sua chegada por morte, destruição e fome, similar ao ocorrido no início do século XX, com a 1ª Guerra Mundial e a Gripe Espanhola. Nos últimos 30 dias, para dizer o mínimo, o planeta tem acordado com a sensação de impotência, incerteza e mal-estar, porque as pessoas se reconheceram definitivamente assustadas e impelidas a aceitarem a ampla fragilidade em face ao megaevento da pandemia SARS-coV-2, um fato social total. Tanto porque as noites e os dias parecem intermináveis, à espera da infecção, e sinceramente aguardamos que ela venha bem mais à frente, porque mais cedo ou mais tarde provavelmente seremos infectados de um jeito ou de outro. Resta saber em que medida nosso corpo reagirá à covid-19 e se a rede de saúde não implodirá e impedirá um possível tratamento nosso.

Entrementes, as circunstâncias brasileiras concorrem para inúmeras possibilidades de produção de narrativas falseadas ou ambíguas, descrições inconsequentes da realidade e explicações dúbias sobre causas e possíveis rotas de ação contra a pandemia. Esperamos passar a crise sanitária nas nossas casas, mas muitos nem isso poderão fazer, ou por não terem casa ou não conseguirem nela ficar, sem comida, sem dinheiro, sem condições básicas de habitação e convivência coletiva. Há inúmeros contrastes, por exemplo, da Amazônia ante grandes metrópoles (vide New York/EUA, Madri/ESP e Roma/ITA) que hoje se assemelham a cidades-fantasma. Entretanto, em todos esses espaços de vivência as pessoas estão desoladas e à procura de um sentido em meio à solidão.

Para além da internet, vivemos um estado de afastamento na Amazônia por necessidade e obrigação. E eis aqui nós todos! Com a covid-19, está dado o grande indício de que fomos definitivamente globalizados pela maneira imperativa de existência que se baseia na vida em risco. Estamos em quarentena e somos uma espécie em "modus longinquus vivendi". E afirmamos que parece ter sido assim, ao longo da história, que ideias de fim do mundo passaram a ser adaptadas na literatura universal, área que, em tom de adivinhação, prenunciava desde antes um novo existir. Não raro que o magistral "Ideias Para Adiar o Fim do Mundo", de Ailton Krenak, seja de alto interesse a moradores do bioma tropical amazônico na atualidade.

Temos um microrganismo globalizado e seus principais concorrentes, o Estado e o mercado, fazendo suas guerras e invasões territoriais. E ambos (Estado e mercado) estão perdendo o jogo do “quem pode mais em menos tempo” contra o vírus. Na literatura, há referências importantes sobre a situação presente, como em "A Peste", de Albert Camus, que quatro meses após o lançamento transformou-se em fenômeno editorial. O fato conduziu o autor existencialista a uma notoriedade que extrapolou círculos intelectuais parisienses da primeira metade do século XX. É importante dizer que, quando "A Peste" foi escrita, a França não passava por nenhum tipo de epidemia. Mas o livro funcionou como instrumento que mencionava a cidade argelina de Orã como urbe tomada por uma doença fatal. A obra subliminarmente trazia a alegoria da Europa sitiada pelos nazistas.

Outros trabalhos nessa linha podem ser mencionados, como "Édipo Rei", de Sófocles, que fala de um oráculo a libertar Tebas de uma doença mortífera, e ainda "O Decameron", do renascentista Giovanni Boccaccio, a retratar a tragédia da peste negra. Outra obra que transita sobre imaginários de vida e finitude é "Morte em Veneza", de Thomas Mann, destacando a ambiguidade moral da arte e do belo no contexto da cólera na Europa. Soma-se a esses, o romance "Um Diário do Ano da Peste", de Daniel Defoe, sendo reportagem-relato sobre o flagelo da mortandade sofrido pela Inglaterra, em 1665.

Diante da perspectiva do agora, em um cenário que inesperadamente encolheu os humanos a um amontoado de seres com sentimentos controversos frente às derrotas impostas pela covid-19 — e que agora para nós, amazônidas, só existem por meio do *modus longinquos vivendi*, como apontamos —, temos que essa doença pôs em xeque a ciência e os avanços em microbiologia, epidemiologia e virologia. Nos últimos dias, por exemplo, ultrapassarmos a marca dos 2,5 milhões de mortos e a Terra mantém-se em alerta por uma infecção com alto poder de espalhamento e contágio. Além do mais, noticiários não cansam de atualizar mortes e citar amontoados de corpos em caminhões-frigoríficos improvisados, em vias públicas ou covas coletivas. O mundo encontra-se no caos. Sim, o novo coronavírus tornou-se um fato social total na medida em que Durkheim teorizou o conceito.

A ideia também merece ser compreendida a partir das teses de Mauss, que popularizou suas propostas particulares sobre fato social total em "Ensaio Sobre a Dádiva", tendo sua visão alargada e reconformada por Fauconnet, também grande visionário da sociologia moderna. Eles, Durkheim, Mauss e Fauconnet, a seus modos, supuseram que fatos sociais totais são epifenômenos complexos que nos remetem a emergências humanas, suas potências e impactos. E são essas emergências a solidariedade, a igualdade, a cidadania comum, a justiça social e o cuidado de si e do outro.

Durkheim, Mauss e Fauconnet, por nossa linha de raciocínio, discordavam sobre o significado exato de fato social total. Tinham suas especificidades, por assim dizer. Mas no geral deixavam claro que a vida, quando impactada grandemente, deveria obrigatoriamente ser orientada pela divisão da riqueza e não pela acumulação primitiva de capital. Uma tese simples e potente, que poderá ser reconstituída nos anos 2021/22/23, após a primeira onda do pico pandêmico do novo coronavírus, quando se dará outra realidade dentro da divisão global de influência entre Europa, China e EUA. E preferimos apostar em uma realidade melhor, mais humana, após a peste.

Gerson André Ferreira
Professor do Instituto de Ciências Sociais,
Educação e Zootecnia da Ufam

Renan Albuquerque
Professor da Faculdade de Informação
e Comunicação da Ufam

Manaus, Amazonas, 16 de abril de 2020

Coronavírus: a vida parou ou foi o automóvel?

Devido a pandemia causada pelo coronavírus (covid-19), estamos vivenciando um momento de inúmeras angústias e incertezas; um sentimento de medo acoplado à esperança de que “tudo termine bem”. Não podemos negar que, em alguma medida, todos nós experienciamos um sofrimento ocasionado pelas transformações dos sentidos e significados de diversos elementos do cotidiano, além de um estado constante de alerta. Contudo, quem se afeta de maneira mais aniquiladora são as mesmas pessoas que já vêm sofrendo todas as mazelas causadas pela desigualdade social.

Para justificar um modelo de sociedade sustentado pela exploração e desigualdade, nos convenceram de que existem povos obscurecidos e arcaicos e que é necessário, portanto, trazê-los para a civilidade, para um modelo único e coeso de humanidade, colonizá-los. A centenas de anos, os povos originários do Brasil enfrentam um processo violento de colonização, resistindo de maneira criativa, reivindicando o direito de continuarem vivos e lutando para preservar suas visões de um mundo de pessoas coletivas, que guardam as memórias e sabedorias da terra e de povos ancestrais.

O livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak, foi resultado de uma palestra realizada na Universidade de Lisboa em 2019 e me chamou atenção o fato do autor terminar sua reflexão referindo-se às epidemias que dizimaram populações inteiras simplesmente pelo contato entre diferentes corpos, mais ou menos adaptados para determinados encontros. A chegada desses corpos estranhos nos continentes colonizados foi a primeira forma de genocídio dos povos originários. Desde então, a violência, com suas diversas roupagens, cumpre a manutenção de uma sociedade que devora a tudo e a todos à margem do seu desenvolvimento. A modernização, por exemplo, gerou o deslocamento compulsório de populações da floresta para as favelas urbanas, retirando-as de seu lugar de origem e transformando suas existências em mão de obra, em mercadoria barata.

É desse contexto que nasce o fabuloso mito da sustentabilidade - uma necessidade corporativa para justificar um projeto de exploração parasítico, em nome de uma humanidade seleta. Este projeto retira da natureza

seus verdadeiros atributos, reduz a um mero recurso que satisfaz nossos deleites capitalistas e aliena nosso entendimento de que também somos natureza, que tudo é natureza.

A teoria de Spinoza (1632-1677) também reforça essa visão, pois defende que tudo que existe são modos de derivações de uma mesma substância de pura potência: a natureza. Deus é a natureza e nós somos um modo, uma expressão dela. Para o filósofo holandês, a natureza está na potência de perseverarmos na própria existência, liberdade e na busca de encontros que nos compõem. Diversos povos, que (re)existem com suas cosmovisões, nunca esqueceram a integralidade entre existência humana e natureza e experienciam uma estética de vida pautada na relação simbiótica com ela.

Para muitos, as montanhas, os rios e as florestas, são família. E família não se vende. É claro que não devemos homogeneizar seus modos de vida e multividências; tampouco pensar nessas populações de maneira exótica e estática, congeladas no tempo de nosso imaginário fetichista.

No texto referido, Krenak nos provoca e questiona o motivo de continuarmos insistindo em nos enquadrar em uma invenção de humanidade que limita nossa existência, criatividade e liberdade e atualiza, o tempo todo, nossa disposição para a servidão voluntária. Enquanto nos deslocam e distanciam da verdadeira liberdade, as corporações se apropriam do útil comum da humanidade; tomam conta de florestas, rios e montanhas e nos enfiam, “goela à baixo”, um modelo duvidoso de progresso, saúde e felicidade. Nesse sentido, os únicos que ainda sentem que precisam da natureza para continuarem existindo da maneira como desejam são os das beiras: indígenas, quilombolas, ribeirinhos... aqueles que estão nas margens dos rios e oceanos, à margem do “progresso”.

A humanidade que seguimos acreditando ser é tão vaidosa que nossas ações fundaram o Antropoceno, uma Era marcada pelo forte impacto humano no planeta. Criar uma Era que afeta a Terra de modo tão aniquilante deveria nos alertar para como nossas formas de organização e produção da vida vêm esgotando as fontes que até agora nos permitiram prosperar como humanidade.

As consequências da covid-19 vêm escrachando a relação direta entre a atividade humana e a intensa degradação ambiental. Com poucos dias de uma drástica redução de nossas movimentações e ações, causada pela medida do isolamento social, podemos observar a capacidade de regeneração da Terra. Além disso, a característica desse corpo viral atacar somente humanos parece ser a linguagem que a natureza está usando para se comunicar e denunciar efeitos e fragilidades do estilo de vida que criamos.

A diminuição de nossas atividades vem permitindo que o planeta realize um processo de limpeza. Isso se evidencia pela significativa melhora da qualidade do ar causada pela redução da emissão de poluentes como CO₂, o que possibilitou, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, que o Himalaia ficasse visível na Índia. Na Itália, depois de muitos anos, os famosos canais de Veneza estão com a água mais limpa. Animais estão voltando a habitar lugares que há tempos não habitavam. Globalmente, sensores que mensuram ruídos sísmicos registraram diminuição do movimento da crosta terrestre, causado pelo isolamento generalizado da população.

A Terra está aquietada. Mas a vida parou ou foi o automóvel? Já questionava Drummond, em 1930. O momento que estamos vivenciando coletivamente escancara inúmeras contradições e problemáticas do projeto de sociedade que criamos, mas também revela a capacidade desse organismo vivo, que é a natureza, em seguir perseverando em sua existência. E essa é uma das lições que a covid-19 nos dá.

Será que aprenderemos ou, como aponta Spinoza, estamos todos enredados na ilusão da onipotência consumista, acreditando que estamos lutando pela nossa liberdade, quando na verdade, estamos lutando pela nossa servidão?

Beatriz Marques Sanchez
É mestranda no programa de Psicologia Social
da PUC-SP e integra o NEXIN

São Paulo, 14 de Março de 2020.

Abril Indígena no combate ao vírus: uma leitura Sateré-Mawé (clã sateré/ut) e sua resistência Tupi

A partir do contato com os brancos, há mais de 1500 anos, nós, povos indígenas, povos de primeira nação, principalmente da América do Sul, fomos obrigados a nos defender dentro do próprio território. A trajetória de luta dos meus parentes ameríndios foi pela vida, em tentativas constantes de garantir às futuras gerações os recursos naturais das terras e a liberdade de exercermos nossos direitos. Enfrentamos inúmeras formas de discriminação e dizimação, sendo inseridos em batalhas sem fim, que violaram a vida de todos nós, indígenas da Amazônia. Hoje, em meio à pandemia, continuamos firmes nessa “guerra sanitária” global, que já infectou perto de 2,5 milhões de pessoas no mundo todo.

E por falar em luta pela vida eu cito Kopenawa e Krenak, pensadores indígenas que questionam a ação destruidora do capitalismo não apenas nas nossas terras nativas, mas no mundo. Eles destacam que é preciso discutir desenvolvimento e sustentabilidade porque há certo paradoxo nesses termos. O ser humano nesse mundo é, desde sempre, insustentável. O branco muito mais. Portanto, os dois conceitos, segundo Kopenawa e Krenak, são modos de ludibriar a população, pois, no sistema capitalista, quando um ganha o outro perde, e o que se perpetua na verdade é a “desigualdade social”, que só aumenta.

Essa experiência minha como filho do clã sateré/ut dos Sateré-Mawé em falar do David e do Ailton, parentes Yanomami e Krenak, que escreveram "A Queda do Céu" e "Ideias Para Adiar o Fim do Mundo", respectivamente, é no sentido de questionar nossa realidade e valorizar o saber indígena, instigando o branco para que ele pense em alternativas de continuar vivendo sem o desastre do capitalismo, que nunca deu certo. Em contexto local, no Amazonas, minha etnia, conhecida como “o povo filho do guaraná”, conheceu na prática as palavras desses dois grandes líderes pensadores. Isso aconteceu quando nós vivenciamos o poder do dinheiro e fomos obrigados a lutar dia e noite para proteger o território Mawé. Dois episódios depois da Cabanagem (1835-1839) marcaram a vida do meu povo: a mobilização da classe empresarial na construção da estrada Maués-Itaituba (Amazonas-Pará), que cortaria nossa terra indígena, e a invasão da empresa

francesa Elf Aquitaine, interessada na prospecção de petróleo na nossa área, sabendo ser uma atividade destruidora da fauna e flora. Dessas lutas, travadas em 1981 e 1982, nós conquistamos a demarcação territorial, em 1986.

Em um contexto global, trazendo essa historicidade para o presente, hoje o mundo sofre ataques de uma inimiga invisível, a covid-19, que passou a revelar os problemas que o Estado e o mercado sempre esconderam, pelo menos na Amazônia, e esses problemas vêm da ganância pelo poder e pelo capital. A saúde é para os privilegiados. Nós, indígenas, pouco temos acesso a tratamentos biomédicos. A maioria da nossa população nativa vive sem garantia de assistência hospitalar no sistema público de saúde. Tudo sob o pretexto da salvação do capitalismo. Mas o SARS-coV-2 testou e reprovou essa política destinada à população em geral. Na nossa terra indígena, na Amazônia, desde sempre precisamos lutar contra a ótica dos ideais neoliberalistas, de incentivo à privatização e com cortes em investimentos em educação, saúde e outros segmentos essenciais para a nossa sociedade.

Atualmente, o problema da infecção viral tem se apresentado para tornar a vida ainda pior. O coronavírus até forçou os líderes do meu clã, o clã sateré/ut, a repensarem alternativas que possam combater esse sistema, que só aumenta as desigualdades sociais. Mas os problemas continuam a aparecer e meu povo tem sido muito prejudicado. Nós contamos apenas com a assistência de instituições indigenistas, que na maioria das vezes não estão fortalecidas para cumprir o seu papel, como a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), que tapam o sol com a peneira não porque querem, mas porque são obrigadas a tocar o barco sozinhas. A decadência dessas instituições reflete o desejo de morte da elite dominante, que vê nas terras indígenas lugares de exploração e enriquecimento.

A pandemia do novo coronavírus visibilizou as insistentes reivindicações de nossas lideranças e associações indígenas. Queremos o fortalecimento de políticas públicas específicas e diferenciadas. Não queremos mais sermos marginalizados e queremos investimentos na educação escolar indígena, na saúde indígena, em infraestrutura, saneamento básico, demarcação de terra e proteção contra invasores, madeireiros, garimpeiros e grileiros.

É verdade que todos os esforços são necessários para combater o vírus e não se pode perder nenhuma oportunidade para frear o contágio. Mas seria diferente se latifundiários, em vez de criminalizarem a luta de lideranças e organizações indígenas, fortalecessem políticas públicas específicas e diferenciadas que, já no século passado, foram propostas e defendidas por nós.

Queremos proteger nossas terras indígenas, promover nossos atores sociais e reconhecê-los como protagonistas de suas próprias histórias. O mundo foi afetado pela pandemia do como um efeito dominó e os países ricos viram seus sistemas de saúde entrarem em colapso. Mas nós já esperávamos por isso. Dizíamos que apesar de todas as riquezas que os brancos possuíam o dinheiro não os salvaria. E passados mais de três meses após o começo da peste, ainda não se encontrou a cura e mesmo quem tem dinheiro está morrendo. Não há, por enquanto, vacina “salvadora” que neutralize a covid-19. O vírus continua a matar e a promover contaminações em diferentes espaços da mãe Terra, pois sua ação é sem fronteiras, é democrática, não faz escolha por raça, cor ou religião.

Imagina o estrago que o vírus pode fazer na nossa comunidade indígena, onde existe apenas a caricatura de postos de saúde e onde falta tudo? Os profissionais de saúde indígena, já nos dias comuns, enfrentam dificuldades para atender a enfermos Sateré-Mawé. Todos fazem milagres com os remédios e materiais disponíveis, sendo os casos de alta complexidade removidos a centros urbanos que abrigam hospitais de referência. No cenário do coronavírus o problema só se agrava. Além disso, a desinformação também pode matar mais que o próprio vírus. O medo de morrer se espalha e quem fica com medo não sabe o que fazer. Por isso, medidas paliativas, por mais bem-intencionadas e benéficas que sejam, devem vir acompanhadas de alternativas para resolver o problema. Caso contrário, as infecções vão se manter.

Nesse ponto se assenta o grande impasse, considerando as alternativas rápidas e que assegurem direitos aos cidadãos indígenas. Eu percebo a fragilidade das instituições do governo em todas as esferas, principalmente em efetuar de forma legal o amparo às famílias em estado de vulnerabilidade social. Quando discuto com meus parentes eles compreendem que uma ajuda

oriunda dos cofres públicos é uma atitude exagerada se distribuída publicamente visando a promoção de cunho político e eleitoreiro. Portanto, eu insisto em repetir quantas vezes for necessário, em alto e bom som, que o governo não está dando dinheiro de graça, ele apenas está devolvendo o imposto que recolheu durante décadas.

É importante rever questionamentos que prejudicam e distorcem os direitos dos Sateré-Mawé enquanto sujeitos. Portanto, eu afirmo que é preciso:

-- Desconstruir a ideia de que o plano do governo de alimentar quem não tem o que comer em tempos de pandemia viral, em uma "guerra sanitária", é um ato para "quem não gosta de trabalhar". Eu quero esclarecer que é direito de cada cidadão, branco e índio, enquadrado em estado de vulnerabilidade social, receber o alimento e, ainda mais, é preciso contemplar a todos os atingidos que estejam na mesma situação.

-- O isolamento social é uma ação coerente e benéfica ao coletivo, mas apenas isolar a população não é o suficiente. Devem existir alternativas viáveis de escoação para a produção indígena e de compra de mercadorias básicas para o consumo diário dos parentes, pois quem tem fome tem pressa.

-- A união se faz necessária e a política partidária não deve interferir no trabalho coletivo. Não se pode impedir a colaboração de partidos da direita e da esquerda. Essa unanimidade é para exigir e cobrar o direito do cidadão diante do Estado e do neoliberalismo, que devem apresentar a contento uma solução viável ao caos.

-- É necessário aprender com a crítica. As autoridades que afirmam serem constituídas por Deus (políticos diversos) devem compreender que é importante assumir pontos estratégicos em defesa de seus cidadãos e nunca esquecerem que o poder emana do povo e este o exerce por meio do voto. Ao tentar inverter essa posição, essas autoridades podem ficar isoladas.

Dessa maneira, nós, que somos donos do imenso e bonito Andirá-Marau, na Amazônia Central, que estamos aqui desde muito antes de 1500, continuaremos a mostrar que os povos indígenas estão a lutar não apenas pela garantia dos seus direitos, mas também pela sua efetivação.

Por conseguinte, o ABRIL INDÍGENA é a resistência ameríndia, é a resistência Tupi, é a resistência Sateré-Mawé. Este mês incentivamos a descolonização da ideia de que o “dia do índio” é para ser comemorado e festejado, que os indígenas devem e precisam ser tutelados. Nós, mais do que nunca, insistimos em participar de todas as decisões que nos dizem respeito. Os pensadores indígenas Kopenawa e Krenak, que tiveram seus territórios invadidos pela ação do capital, alertam que devemos questionar e opinar sobre o que é melhor para a nossa gente, lutando sempre por melhores condições de vida. Então é assim que estamos fazendo!

O Abril Indígena defende: “DEMARCAÇÃO JÁ!”. É um mês de reflexão, de luta, de lembrar dos nossos mortos, lembrar de quanto sangue foi derramado para termos liberdade de reivindicar nossa vida. É o mês de celebrar a nossa vontade de ir e vir e de exigir os nossos direitos e exercer a nossa cidadania. Dessa forma, o dia dos povos indígenas é uma data que nos remete a todos os dias.

Enquanto eu tiver fôlego e existir, enquanto eu puder ajudar a cada guerreiro indígena Sateré-Mawé a defender a nossa gente e os nossos territórios, eu quero afirmar: o dia 19 de abril será sempre o maior símbolo de que ainda estamos vivos.

Josias Sateré (membro do clã Sateré/ut)
Graduado em Biologia e Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Ufam. Professor da Escola Indígena de Ponta Alegre do Rio Andirá, na Terra Indígena Andirá-Marau/AM.
Guerreiro Sateré-Mawé pela linhagem dos lagarta (sateré/ut).

Comunidade Ponta Alegre, Rio Andirá, TI Andirá-Marau,
Amazonas, 18 de abril de 2020



NEXIN